

# Recriando Paulo Freire na educação da infância das classes populares

*Franciele Clara Peloso\**

*Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula\*\**

## Resumo

Paulo Freire foi um dos educadores brasileiros mais reconhecidos mundialmente, sua obra é extensa e contempla muitas temáticas. Todavia, ao analisar como é estudado e socializado o legado freiriano, é possível perceber que seus pressupostos são, em grande maioria, difundidos nos estudos sobre a Educação de pessoas jovens e adultas. Assim, o objetivo desse estudo é analisar e discutir como os pressupostos freirianos podem ser recriados na Educação da Infância, sendo que historicamente o legado freiriano foi quase que estritamente associado à Educação de pessoas jovens e adultas e pouco mencionado nas práticas pedagógicas e discussões referentes à Educação da Infância. A metodologia utilizada baseia-se numa pesquisa qualitativa, de caráter teórico. A partir da análise de uma das obras de Paulo Freire, “A Educação na Cidade” de 1991, foi possível considerar que: Freire fazia menção, em muitas passagens desta obra, sobre diferentes infâncias e crianças e sua Educação. Sob essa perspectiva, foi possível evidenciar que o pensamento freiriano é um dos mais significativos para mudanças no âmbito da Educação, em especial o resgate da Infância e da Educação das crianças das Classes Populares.

**Palavras-chave:** Paulo Freire, Educação da Infância, Infância das classes populares

---

\* Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR.

\*\* Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

# Recreating Paulo Freire on the education of lower classes childhood

## Abstract

Paulo Freire was one of the worldwide recognized Brazilian Educators, his work is wide and faces many different subjects. Anyway analyzing how the Freire's legacy is studied and socialized it is possible to noticed that his assumptions are mainly spread on the studies about young and adult Education. Thus the aim of this study is to analyze and discuss how the freirian assumptions can be recreated to Childhood Education despite the fact that historically this work is strictly associated with the adult and young education and little mentioned on Childhood Education discussions. he methodology is based in a qualitative theoretical approach. From the analysis of one of the Paulo Freire's works *Pedagogy of the city* (1991) it was possible to postulate that Freire did mention in may passages of this work, many types of children and childhoods and their education. From this point of view is possible to demonstrate that the Freire's Thought is one of the most meaningful to change on the scope and in special on the rescue of the lower class Childhood Education.

**Keywords:** Paulo Freire, Childhood Education, Lower Classes Education.

# Reconstituindo Paulo Freire em la educacion de infantes de las clases populares

## Resumen

Paulo Freire fue uno de los educadores brasileño, de renombre, en el mundo, su obra es extensa y abarca muchos temas. Sin embargo, al analizar la forma en que se estudia y socializa legado de Freire, es posible darse cuenta de que sus supuestos son más a menudo se transmiten en los estudios sobre la educación de jóvenes y adultos. Así, el objetivo de este estudio es analizar y discutir cómo las hipótesis pueden ser recreados Paulo Freire en la Educación Infantil, e históricamente el legado de Freire fue casi estrictamente relacionados con la educación de los jóvenes y adultos, y rara vez se menciona en las prácticas

de enseñanza y debates sobre el Educación Infantil. La metodología se basa en una encuesta cualitativa de los teóricos. A partir del análisis de las obras de “Educación de la Ciudad” de Paulo Freire en 1991, fue posible tener en cuenta que: Freire se menciona en muchos pasajes de este trabajo, en las distintas infancias y los niños y su educación. Desde esta perspectiva, se observó que el Freire es uno de los cambios más significativos en la educación, especialmente en el rescate de la niñez y la educación de los niños de las clases populares.

**Palabras-clave:** Paulo Freire, educación para los niños, los niños de las clases populares

## Introdução

Paulo Freire foi um dos educadores brasileiros mais reconhecidos mundialmente, sua obra é extensa e contempla muitas temáticas. Com efeito, é perceptível, mesmo nas mais diferentes temáticas abordadas pelas obras desse educador, que a sua preocupação principal estava voltada para as questões referentes à pedagogia da libertação. No entanto, ao analisar como é estudado e formalmente socializado o legado freiriano, é possível perceber que seus pressupostos são, em grande maioria, difundidos nos estudos que trazem discussões sobre a Educação de pessoas jovens e adultas.

Assim, com o objetivo de discutir como os pressupostos freirianos podem ser recriados na Educação da Infância, optamos em analisar a obra de Freire *“A Educação da Cidade”* ([1991] 2006)<sup>1</sup> e a partir daí observar a incidência com que o referido educador se remetia aos contextos referentes à infância. Essa reflexão se faz pertinente uma vez que historicamente, o legado freiriano foi associado quase que estritamente a Educação de pessoas jovens e adultas, sendo pouco mencionado nas práticas pedagógicas e discussões do e no âmbito educacional destinado as crianças. A escolha pela referida obra está associada a um momento *sui generis* da trajetória do educador Paulo Freire, ou

---

<sup>1</sup> Observa-se que a data de publicação da obra foi colocada entre colchetes e, na sequência, a data da edição utilizada para este estudo. Esse procedimento objetivou possibilitar que no momento da leitura seja possível se arremeter ao contexto de produção da obra.

seja, essa obra foi publicada no ano de 1991 e é o relato da experiência de Freire como Secretário Municipal da cidade de São Paulo. Subentendemos que, por esse motivo, Freire estava com sua visão mais voltada para as questões concernentes a Educação da Infância, em decorrência, também, de sua função política.

Para tanto, inicialmente, são efetuadas algumas considerações sobre a metodologia que orientou tal investigação. Na sequência são abordadas algumas questões concernentes aos pressupostos do educador Paulo Freire; em seguida, são apresentados aspectos relevantes sobre a Educação da Infância encontrados na obra “A Educação da Cidade” ([1991] 2006), bem como são feitas algumas considerações sobre como e porque a pedagogia desse educador pode ser recriada na Educação da Infância e, por fim, nas considerações finais destacam-se alguns elementos que nos fazem acreditar na viabilidade de se recriar os pressupostos freirianos no referido âmbito educacional.

## Aspectos metodológicos

Este estudo compõe parte de uma dissertação de mestrado, a qual objetivou investigar como a teoria de Paulo Freire pode ser ressignificada nos contextos referentes à Educação da Infância. Para tanto, foram realizadas análises das obras de Paulo Freire e de mensagens enviadas, por alguns dos estudiosos de suas obras, nas quais estavam expressas reflexões a respeito das relações da obra de Freire e preocupações com infâncias e crianças.

Os procedimentos metodológicos utilizados na dissertação foram: análise das obras de Paulo Freire, mas precisamente as obras solo e publicadas em português, no período de 1991 a 2000, sejam elas: A educação na cidade (1991); Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido (1992); Política e educação (1993); Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (1993); Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis (1994); À sombra desta mangueira (1995); Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996) e Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos (2000). Também nos utilizamos de revisão de literatura de trabalhos acadêmicos que aproximam

os pressupostos freirianos a Educação da Infância e análises de depoimentos obtidos através de contatos estabelecidos com estudiosos dos trabalhos de Freire.

Sob esta perspectiva, para esse momento, optamos em trazer a análise de uma das obras de Paulo Freire: *“A educação da cidade”* ([1991] 2006) e, nesse sentido, explorar e discutir quais eram as preocupações de Freire, bem como esse educador pode ser recriado nos contextos referentes à Educação da Infância.

Com efeito, os objetivos deste estudo visam contribuir para a releitura do pensamento de Paulo Freire, no sentido de que se façam possíveis outras interpretações de sua obra. Ou seja, muitas pessoas associam o pensamento deste educador somente à educação de jovens e adultos e acabam reduzindo sua teoria ao seu método. Nesse sentido, Brandão (2009) evidenciou que Paulo Freire tornou-se conhecido pelo “Método Paulo Freire”. O mesmo autor argumentou que Freire não criou somente o método, mas um “sistema de educação”, uma proposta pedagógica e política. Assim, com esta pesquisa, também se pretende contribuir para a área dos estudos sobre a infância, as crianças e a Educação Infantil, pois ao verificar a aproximação do pensamento de Freire com estudos desta área é possível oferecer uma contribuição ao debate sobre o conhecimento, a compreensão e até mesmo sobre as concepções de infâncias, de crianças que permeiam a História da Educação Infantil.

## Paulo Freire: o educador de muitas faces

A escolha por Paulo Freire justifica-se uma vez que esse educador trata das concepções de homem, de mundo, de realidade, de sociedade, de educação de uma forma humanizada, ou seja, Paulo Freire acreditava que a vocação ontológica dos seres humanos era a busca do ser mais, para tanto, essa era uma busca constante: a do processo da humanização. Esta busca implica em um novo projeto de sociedade, é a humanização da espécie humana como um todo que deve ser concretizada na superação das contradições presentes nas realidades sociais que oprimem e atrofiam a capacidade do humano ser corpo consciente em um mundo histórico e socialmente constituído.

Para Freire, a vida humana só tem sentido na busca incessante pela libertação de tudo aquilo que desumaniza e proíbe o ser mais humano. Percebe-se na teoria freiriana, o esforço para re-elaborar várias questões já abordadas pela tradição filosófica ocidental, colocando-as sob uma nova ótica e recriando, assim, os modos de conceber e fundamentar a racionalidade humana em seu processo histórico de produção de sentido para a existência do ser humano diante da humanização do mundo (ZITKOSKI, 2006).

Segundo Zitkoski (2006):

Freire situa-se na passagem do paradigma filosófico da modernidade – que se ancorava na subjetividade humana enquanto medida de todas as coisas e produção de todo e qualquer sentido possível – para um novo paradigma fundamentado na relação sujeito-sujeito (relação intersubjetiva), que requer a prática da solidariedade, da comunicação e do diálogo; fundamentados na vida em sociedade e da produção de todo e qualquer sentido humanamente válido. Nesses termos, o educador supera a modernidade, embora seja “moderno” em certos aspectos de sua proposta teórica, principalmente em sua defesa incondicional da utopia e da esperança como molas propulsoras da história humana. A originalidade de Freire está na superação da modernidade ao buscar construir, crítica e criativamente, novos elementos para conceber a vida humana em sociedade de modo radicalmente democrático e libertador. Ele é também original ao elaborar uma nova visão epistemológica, considerando a produção do conhecimento de forma dialógica, intersubjetiva e dialeticamente aberta para o dinamismo da vida, para a diferença e para o inédito, além de inspirar profundas inovações na visão política e ética dos problemas que desafiam o mundo atual (p. 69-70).

Paulo Freire ficou conhecido como filósofo e teórico da Educação pelo mundo todo. Sua marca registrada era: não separar a teoria da prática. Outra marca registrada era o seu jeito simples e bem humorado. Seu corpo era frágil e suas palavras fortes! Nas andarilhagens que fez pelo mundo era muito observador. Suas observações eram críticas e ao mesmo tempo

poéticas. Ao ler seus livros às vezes temos a impressão que ele tinha um olhar de criança detalhista que observava o universo nos mínimos detalhes.

Freire (2001) testemunhou que:

Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim. [...] sexagenário, tenho sete anos; sexagenário, eu tenho quinze anos; sexagenário, amo a onda do mar, adoro ver a neve caindo, parece até alienação. Algum companheiro meu de esquerda já estará dizendo: Paulo está irremediavelmente perdido. E eu diria a meu hipotético companheiro de esquerda: Eu estou achado: precisamente porque me perco olhando a neve cair. Sexagenário, eu tenho 25 anos. Sexagenário, eu amo novamente e começo a criar uma vida de novo (p. 101).

Paulo Freire não tinha medo de dizer e escrever o que pensava. Sua coragem revelava ousadia, cativava e contagiava afetivamente as pessoas que com ele conviveram. Ele lidava com a dialética de forma muito particular. Ao mesmo tempo em que denunciava com muito rigor e seriedade os mecanismos opressores, ele era capaz também, por meio de seus exemplos, de brincar e traduzir mecanismos de submissão dos seres humanos de forma indignada e amorosa, ou seja, ele era tão profundo nas reflexões sobre a existência humana que muitas vezes conseguia aparentar uma espécie de “criança crítica” e inconformada diante das injustiças do mundo e ao mesmo tempo tinha a capacidade de se rever, brincava com seus valores e situações do cotidiano.

As obras de Paulo Freire revelaram que ele tinha muita delicadeza e era sutil para descrever as relações de poder e desumanização. Ele parecia sempre ver o outro lado das coisas. Por isso, ousou sustentar que o oprimido era sujeito da transformação de sua realidade, isso quando consciente de sua capacidade de agir e refletir sobre si e sobre o seu estar no mundo. Freire defendeu a tolerância que não se confunde com a conivência da

radicalidade. Reconheceu que a educação é essencialmente ato de conhecimento e de conscientização e que, por si só, não leva uma sociedade a se libertar da opressão. Mas também acreditou que a educação podia melhorar a condição humana, pois ele a entendia como parte de uma totalidade política e social e que podia contribuir para o que considerava ser a “vocação ontológica da espécie humana”: a humanização.

Paulo Freire defendeu que todo o ser humano aprende com a sua própria vida e pode compreender a sua existência a partir de si mesmo. Outrossim, a vida e a obra de Paulo Freire são pensamentos compartilhados. Seu rememorar esteve como pano de fundo para a compreensão de sua essência e o que mais chama a atenção nesse movimento de viver, construir e reconstruir a sua trajetória é o modo pelo qual o próprio Freire misturou-se a sua narrativa. Pode-se dizer que o trabalho e a obra de Paulo Freire constituíram-se a partir de uma espécie de percurso de idas e vindas de sua vida.

De maneira geral, pode-se dizer que a pedagogia de Paulo Freire consistia em dialogar com as massas sobre a sua ação-reflexão-ação sobre e na realidade sócio-histórica. Era e   a pedagogia dos seres humanos, empenhando-se na luta por sua libertação. Perante tal conceito, essa pedagogia apresentou basicamente dois momentos distintos: um primeiro momento em que os oprimidos descobriam-se oprimidos e desvelavam o mundo da opressão, comprometendo-se com a práxis, em transformar a sua condição de oprimidos; e um segundo momento, o qual passaria por sua ação, transformar a realidade opressora. Freire denominou esses dois momentos de conscientização libertadora.

Nessa perspectiva Freire também discutiu sobre a concepção bancária da educação e porque ela se caracterizava como um instrumento de opressão. Ele a contrapunha   concepção problematizadora da educação que foi referenciada em sua teoria como instrumento de libertação dos homens.

Em suma, afirma-se que Freire tinha f  na capacidade do ser humano, no sentido de recriar as relações sociais, o mundo e, com isso, estabelecer uma sociedade mais justa e fraterna. Por pensar assim, foi chamado por muitos de utópico e justificou tal



consideração dizendo que somente a utopia é capaz de protagonizar mudanças (FREIRE, 1992). Neste sentido, este trabalho optou por estudar e tentar compreender a Educação da Infância, em especial aquela das classes populares, a partir das idéias desse educador, pela complexidade que apresenta.

Com efeito, no próximo tópico, estaremos explorando a análise da obra “A Educação na Cidade” ([1991] 2006) e discutindo como Paulo Freire abordava e concebia a Educação da e na Infância.

## **Recriando Paulo Freire na educação da infância: análise da obra “A educação na cidade”**

A obra “A Educação na Cidade” ([1991] 2006) é composta por entrevistas proferidas por Freire, no período de 1989 a 1991. Segundo Gadotti e Torres ([1991] 2006), esta obra foi construída quando Paulo Freire foi Secretário Municipal da Educação, no estado de São Paulo, na administração de Luiza Erundina, ou seja, esta obra foi constituída no calor de uma experiência política e administrativa. Neste viés, o livro está dividido em duas grandes partes: “Educar para a liberdade numa metrópole contemporânea” e “Reflexões sobre a experiência com três educadores”.

De maneira geral, os textos abordam questões relacionadas ao cotidiano pedagógico, político e administrativo. Neste sentido, é possível afirmar que por estar diretamente envolvido com as questões relativas à educação da infância, nesta obra, Freire traz muitas reflexões a respeito desta temática.

Observou-se que os textos abordam principalmente as questões relacionadas ao acesso, à permanência e a participação das crianças das classes populares na escola, bem como, a qualidade da educação ofertada a essas crianças. Tal aspecto foi evidenciado quando Freire ([1991] 2006) afirmou que:

É fundamental, creio, afirmar uma obviedade: os déficits referidos da educação entre nós castigam sobre tudo as famílias populares. Entre oito milhões de crianças sem escola no Brasil não há meninos ou meninas das famílias que comem, vestem e

sonham. E mesmo quando, do ponto de vista da qualidade, a escola brasileira não atenda plenamente as crianças chamadas “bem nascidas”, são as crianças populares – as que conseguem chegar à escola e nela ficar – as que mais sofrem a desqualidade da educação (p. 22).

Em outra passagem da obra, Freire também menciona sua preocupação com o tipo de avaliação oferecida (ou imposta?) para as crianças das classes populares. Para Freire os momentos da avaliação, da aferição do saber, constituem-se como um dos elementos mais importantes da prática educativa. Reflexionava ele: “Os critérios de avaliação do saber dos meninos e meninas que a escola usa, intelectuais, formais, livrescos, necessariamente ajudam as crianças das classes sociais chamadas favorecidas, enquanto desajudam os meninos e as meninas populares” (FREIRE, [1991] 2006, p. 22).

Frente ao exposto, o que Freire buscava salientar era que a avaliação na escola não considerava o “saber de experiência feito”. As experiências trazidas pelas crianças não eram consideradas, suas vidas, suas lutas, suas histórias, entre outros aspectos e, com isso, as crianças das classes populares saíam em desvantagem, pois sua cotidianidade era muito distante da “exigida” pela escola.

Segundo Freire ([1991] 2006):

(...) a experiência das crianças das classes médias, de que resulta seu vocabulário, sua prosódia, sua sintaxe, afinal sua competência lingüística, coincide com o que a escola considera o bom e o certo. A experiência dos meninos populares se dá preponderantemente não no domínio das palavras escritas mas no da carência das coisas, no dos fatos, no da ação direta. Democratizando mais seus critérios de avaliação do saber a escola deveria preocupar-se com preencher certas lacunas de experiência das crianças, ajudando-as a superar obstáculos em seu processo de conhecer (p. 22-23).

Mais uma evidencia de que Freire pensou sobre a educação da infância, bem como, sentiu-se curioso diante da possibilidade

de realizar um trabalho com crianças, aparece na página vinte e três quando ele comenta sobre a experiência que teve no Chile com um grupo de camponeses “semeadores de palavras”. Eram camponeses que, em áreas da reforma agrária, plantavam as palavras em tronco de árvores, no chão, nos caminhos. Tratava-se de uma experiência social, não só escrita, mas de memória preponderantemente oral. Frente a esta experiência, Freire ([1991] 2006, p. 23) comentou que “gostaria de acompanhar uma população infantil envolvida num projeto assim e observar seus passos na experiência de alfabetização”. Essa vontade manifestada por Freire demonstrou que as crianças não ficaram ausentes das suas reflexões, nem mesmo as suas curiosidades relativas à alfabetização.

Certamente, por sentir esse tipo de curiosidade, Freire, durante a sua gestão, também não esqueceu as escolas de Educação Infantil: “Tenho falado muito, desde antes mesmo de assumir a Secretaria de Educação Municipal, no nosso sério empenho de mudar a cara de nossa escola, incluindo as escolas de Educação Infantil” ([1991] 2006, p. 33). É importante lembrar que Freire foi secretário da educação no período de 1989 a 1991 e, neste período, as escolas de Educação Infantil ainda não eram reconhecidas como parte integrante e etapa inicial da Educação Básica, visto que tal reconhecimento só se deu em 1996, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de número 9394/96.

Freire acreditava que as escolas deveriam se transformar em centros de criatividade, em que ensinar e aprender fosse um momento alegre. Para ele, além de “mudar a cara da escola” era preciso demonstrar o respeito pelas crianças, suas professoras, sua escola, seus pais, sua comunidade e, para isso, era necessário ouvir as crianças, as sociedades de bairro, pais, mães, diretoras de escola, professoras, zeladores, merendeiras, comunidade científica, entre outros. O respeito a que Freire se refere é o de entender as crianças como parte ativa e constituinte da escola.

Em muitas passagens dessa obra, Freire ([1991] 2006) faz menção à evasão escolar:

Em primeiro lugar, eu gostaria de recusar o conceito de evasão. As crianças populares brasileiras, não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileira são expulsas da escola – não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de antipatia pessoal, expulsa estes ou aqueles alunos ou os reprove. É a estrutura mesmo da sociedade que cria uma série de impasses e dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso a que têm direito (p. 35).

Pelo exposto, ficou explícita a concepção de escola que Freire propunha, ou seja, uma escola popular, que atendessem aos interesses das crianças populares. Que respeitasse o seu saber de experiência feito e que, a partir de um projeto político pedagógico maior, diminuísse os índices de “expulsão” das crianças do povo.

Freire ([1991] 2006) inferiu que:

Queremos uma escola pública popular, mas não populista e que, rejeitando o elitismo, não tenha raiva das crianças que comem e vestem bem. Uma escola pública realmente competente, que respeite a forma de estar sendo de seus alunos e alunas, seus padrões culturais de classe, seus valores, sua sabedoria, sua linguagem. Uma escola que não avalie as possibilidades intelectuais das crianças populares com instrumentos de aferição aplicados às crianças cujos condicionamentos de classe lhe dão indiscutível vantagem sobre aquelas (p. 42).

Em vários momentos, Freire ressaltou que pensar na educação das crianças de classes populares não é fazer injustiça às crianças das classes favorecidas. Nas palavras de Freire ([1991] 2006, p. 42): “é preciso deixar claro, porém, que a escola que queremos não pretende, de um lado, fazer injustiça às crianças das classes chamadas favorecidas, nem, de outro, em nome da defesa das populares, negar a elas o direito de conhecer, de estudar o que as outras estudam”.

Neste sentido, Freire defendeu que pensar numa escola para as crianças das classes populares exigia reformulação do seu currículo para que a escola como um todo atendesse aos anseios destas crianças. Uma escola que a criança popular tivesse condições de aprender, de criar, de arriscar, de perguntar, de crescer, entre outros aspectos. Entretanto, Freire ([1991] 2006, p. 43) asseverou que para reformulação do currículo era preciso também ouvir as crianças, “[...] é preciso que falem a nós de como vêm a escola, de como gostariam que ela fosse; que nos digam algo sobre o que se ensina ou não se ensina na escola, de como se ensina”.

Outra concepção evidenciada, com a leitura dessa obra, faz menção ao direito que as crianças das classes populares têm de estarem atualizadas, ou seja, de terem conhecimento dos avanços da ciência. Conforme Freire ([1991] 2006, p. 45), “para nós não há sombra de dúvida em torno do direito que as crianças populares têm de, em função de seus níveis de idade, a ser informadas e formar-se de acordo com o avanço da ciência”. Freire defendia que as crianças deveriam perceber – vivendo - que estudar é um exercício prazeroso. Criticava as pedagogias que domesticavam as crianças e, também, as que não conseguiam atender seus objetivos, porque exacerbavam a alegria, a afetividade, em detrimento da cognitividade, por isso afirmava:

[...] não é preciso endurecer o porte das crianças, não é preciso pôr colarinho e gravata na criança para que ela, imbuída de um certo sofrimento, que é o sofrimento do saber, possa aprender. Não. Mas, por outro lado, é preciso não afrouxar para que a criança não se perca apenas no brinquedo, apenas em alegria. Saber é um processo difícil realmente, mas é preciso que a criança perceba que, por ser difícil o próprio processo de estudar se torna bonito. Acho também que seria errado falar ao estudante que há uma compensação de alegria no ato de estudar. O importante é que a criança perceba que o ato de estudar é difícil, é exigente, mas é gostoso desde o começo (FREIRE [1991] 2006, p. 58).

Sob esta perspectiva, percebe-se que Paulo Freire refletia sobre a educação das crianças e a necessidade da disciplina “ensinada” com amorosidade.

Com efeito, acredita-se que as idéias de Paulo Freire podem contribuir para uma maior compreensão de aspectos relacionados à infância, à criança e à Educação Infantil, em especial das classes populares. Aspectos que dizem respeito a algumas categorias centrais da obra de Freire como: o diálogo, a liberdade, a subjetividade, a amorosidade, a eticidade, a cidadania, o lazer, a socialização, a leitura de mundo, a utopia, o oprimido, a autonomia, a humanidade, dentre outros. Nesse sentido, acredita-se que o diálogo com o pensamento de Paulo Freire nos contextos referentes à infância, à criança e à Educação Infantil, em especial das classes populares, pode ser realizado em vários aspectos.

Freire foi um dos precursores da Educação voltada para as classes populares. Ele foi um profundo conhecedor da realidade brasileira e das desigualdades sociais. Fomentou várias discussões a respeito da libertação dos homens. Defendeu que a Educação é direito de todos, é um processo de humanização; vocação dos seres humanos para ser mais. No entanto, ele considerava que esta vocação, que é a da humanização, é negada frente à injustiça, a exploração, a opressão e a violência dos opressores e afirmada no “anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada” (FREIRE, 2005, p. 32).

Kramer (2003, p. 21) explica que as crianças, na maioria das vezes, são concebidas como objetos, como abstração e não se leva em consideração as diferentes classes sociais nas quais elas estão inseridas. Desta maneira: “Tratar as crianças em abstrato, sem levar em conta as diferentes condições de vida, é dissimular a significação social da infância [...]”.

Assim, quando a infância é compreendida nesta concepção de negação, não é possível que se cumpra o que Freire (2005) mencionava sobre o processo de humanização como vocação dos homens. Visto que, na maioria das vezes: “Os oprimidos, como casos individuais, são patologia da sociedade sã, que precisa, por isto mesmo, ajustá-los a ela [...]” (id.ibid, p. 69).

A maioria das instituições de Educação Infantil e também das Políticas Públicas que atendem as crianças das classes populares apresentam uma história de atendimento com tendência assistencialista, pelo fato de que muitas vezes, não promovem um ambiente propício para despertar a curiosidade e a autonomia nas crianças, em função do respeito aos seus aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais. A intenção, neste momento, não é fazer generalizações a esse respeito e sim evidenciar a questão da tendência assistencialista presente no âmbito da Educação Infantil voltada para as classes populares. É preciso considerar que muitos avanços foram conquistados nas pesquisas realizadas sobre Educação Infantil no Brasil. Estas conquistas ocorreram graças à abertura das creches públicas voltadas para as classes populares. Todavia, é preciso pensar que ainda existe muito a se fazer para mudar as mais diversas realidades, nos mais diferentes contextos referentes à Educação das crianças.

Muitos estudiosos da Educação Infantil afirmaram que este espaço (da Educação Infantil) deve ser dinâmico (ABRAMOWICZ e WAJSKOP, 1999; BARBOSA e HORN, 2001; DEHEINZELIN, 2003) de troca de experiências, ou seja, de diálogo. Um espaço concebido dessa maneira não pode ser, portanto, somente, assistencialista, desperdiçando a oportunidade de avançar na percepção humana. Percepção no sentido de o ser humano, desde a infância, compreender-se inconcluso, buscar a sua autonomia e perseguir a sua humanidade como condição humana.

Esta busca da autonomia, ao que concerne aos aspectos infantis, deve considerar e respeitar as particularidades da criança, os seus estágios de desenvolvimento, seus anseios e suas percepções. Todavia, o respeito a essas particularidades não deve se contrapor ou mesmo inibir a busca da autonomia pela criança. Nesse sentido, a criança precisa ser concebida e compreendida como alguém que é e está sendo. Compreender a criança como alguém que é e está sendo, oportuniza afirmar, em uma postura freiriana, que os homens, quando compreendidos dentro do mundo e num processo histórico de mudança, entendem-se e sabem-se inconclusos (FREIRE, 1996).

## Tecendo algumas considerações

Esse artigo objetivou discutir como os pressupostos freirianos podem ser recriados na Educação da Infância. Para tanto efetuou algumas considerações sobre a metodologia que orientou tal investigação; abordou algumas questões concernentes aos pressupostos do educador Paulo Freire; apresentou aspectos relevantes sobre a Educação da Infância encontrados em sua obra *“A Educação da Cidade”* ([1991] 2006), bem como fez algumas considerações sobre como e porque a pedagogia desse educador pode ser recriada na Educação da Infância.

Com efeito, a análise da referida obra deixou transparecer que Paulo Freire tinha preocupações com as crianças. Assim, seus pressupostos teóricos se apresentam de maneira bastante significativa, para nortear uma experiência pedagógica para/na Educação Infantil. Isso porque as crianças têm a oportunidade de se apresentar como sujeitos do processo ensino e aprendizagem e do seu desenvolvimento humano e social.

Nesta perspectiva, está associado o entendimento que Freire tinha do ser humano na sua busca do ser mais. Freire entendia o ser humano, como inconcluso, inacabado e por isso acreditava na sua capacidade de agir com autonomia diante do mundo, de esperar, de querer conhecer, de ser mais. Estes aspectos estão associados à questão de que os seres humanos estão no mundo, com o mundo e com os outros, ou seja, o ser humano se faz inconcluso à medida que reconhece a sua historicidade, que está associada aos condicionantes sociais e culturais.

Desta maneira é possível afirmar que o projeto educativo proposto por Freire é anunciador do ser humano plural. Neste sentido, seus pressupostos podem ser utilizados em diversos contextos educativos, principalmente naqueles onde os mecanismos de opressão, de exclusão, de preconceito, de subordinação, de miséria, dentre outros, se fazem presentes e impedem a vocação de ser mais dos seres humanos: a humanização.

Outrossim, os pressupostos freirianos podem ser ressignificados na Educação Infantil no que diz respeito a constituição de um espaço educativo dinâmico e desmistificador das realidades sociais. Observamos que Freire se preocupou com a educação



de todas as crianças, mas enfatizou a necessidade de maior atenção às crianças das classes populares, por fazerem parte de contextos que não respeitam a sua cultura. Neste entender as crianças das classes populares, inseridas em um projeto educativo freiriano, poderiam constituir e ser constituídas por meio de suas subjetividades. A partir dessa compreensão, seriam autoras de suas histórias, fundadas na autonomia e na esperança, seriam anunciadoras da possibilidade de transformação do mundo.

Em rigor, tem-se conhecimento da existência de muitos trabalhos que abordam os pressupostos de Paulo Freire em distintas áreas e temáticas. No entanto, o intuito deste estudo está voltado para buscar compreender as reflexões de Paulo Freire na educação e analisar as suas preocupações com as infâncias e as crianças. Mesmo que ele não tenha abordado especificamente em suas obras esse tema, entende-se que seu pensamento propicia outro entendimento em relação à infância, à criança e à Educação Infantil das classes populares. Sob esta perspectiva, busca-se analisar como o seu pensamento pode ser recriado neste contexto. É importante salientar que esse estudo abre possibilidades de novas investigações.

## Referências

ABRAMOWICZ, A e WAJSKOP, G. Educação Infantil: Creches: atividades para crianças de zero a seis anos. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1999.

BARBOSA, M. C. S. e HORN, M. da G. S. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In: CRAIDY, C. e KAERCHEs, G. E.L. (orgs). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BRANDÃO, C. R. Apresentação – Aprender a saber com e entre outros In: ASSUMPCÃO, R. (org). **Educação Popular na perspectiva freiriana.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. p. 09-18.

DEHEINZELIN, M. **A fome com a vontade de comer:** Uma proposta curricular de educação infantil. 10.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, P. **Educação na cidade.** 7ed. São Paulo: Olho d'água, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

KRAMER, S; LEITE, M. I (orgs). *Infância: Fios e desafios da pesquisa*. 7ed. São Paulo: Papirus, 2003.

ZITKOSKI, J.J. **Paulo Freire e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Franciele Clara Peloso

Endereço Residencial: Rua: Osvaldo Aranha, 754 – Centro

CEP: 85504-360 – Pato Branco – Paraná

Fones (46) 3224-5031 ou (42) 9111-9664

e-mail: fr\_clara@yahoo.com.br

Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula

Endereço Residencial: Praça Wolghano Netto, n 46, Ed. Porto Lindo, n 301

Jardim da Penha – Vitória – Espírito Santo – CEP:29060-840

Fones (27) 3376-4209 ou (27) 8131-8418

e-mail: erciliapaula@terra.com.br